

Instantes Cruzados

Episódio 5

O cronista Malta

Fotografia de Augusto Malta

Fotógrafo atual: Luiz Baltar

Direção Sergio Bloch
Roteiro Betânia Furtado
Apresentação Milton Guran
Produção Ocean Films

MILTON GURAN, em primeiro plano, fala para câmera.

GURAN: A fotografia, primeira imagem técnica que surgiu, transformou o mundo. Hoje, que vivemos na civilização da imagem, é difícil pensar que há pouco mais de 150 anos, nada disso existia. No nosso programa nós selecionamos, para cada episódio, uma imagem emblemática da história do Brasil e convidamos um fotógrafo para se inspirar nela. Vamos juntos viver a magia da fotografia e do fazer fotográfico.

[Sala]

GURAN: Hoje nós vamos trabalhar em cima da obra de Augusto Malta. Talvez o maior cronista visual da cidade do Rio de Janeiro. O fotógrafo oficial da prefeitura na virada do século quando a cidade deixou de ser uma espécie de aldeia colonial e se lançou no século XX com a abertura da Avenida Central e outras grandes obras dialogar com Malta nós convidamos Luiz Baltar. Também um cronista visual da cidade, você se notabilizou na sua fotografia pela ideia de trajeto de transcurso na cidade. Você saiu de Bom Sucesso, onde você mora, sai todos os dias e vai até Botafogo onde você trabalha e vai fazendo uma leitura transversal dessa cidade extremamente dinâmica e diferenciada entre Bom Sucesso e Botafogo. Eu queria que você é meio que destrinchasse isso para gente.

BALTAR: Essa viagem que eu faço de ônibus de Bom Sucesso para Botafogo em frente, me fez conhecer a cidade né. Tempo longo de duração, os engarrafamento, começou como um passatempo de fotografar pela janela meu percurso e depois eu me dei conta estava fazendo um trabalho de paisagem. Que é uma paisagem diferente da conhecida da cidade, uma paisagem que é diferente do cartão postal.

GURAN: Interessante porque você saiu da gravura né, da escola de Belas Artes, passou para documentação e depois você meio que fundiu essas duas experiências para partir para uma fotografia mais de expressão pessoal.

BALTAR: Há quase dez anos eu fotografo a Cidade e as mudanças da cidade ou fotografo as remoções forçadas, fotografo as ocupações militares que são, para mim, é a porta de entrada para para remoções. Um trabalho de registro da cidade das transformações. E o Conrad Wessel, fui visitar o meu arquivo e dá para essas fotografias uma outra linguagem

GURAN: Vamos ver a fotos, vamos ver a fotos, não tá aqui?

BALTAR: Vamos.

GURAN: Foi com isso aqui tu ganhou o Conrad Wessel?

BALTAR: O Conrad Wessel teve como tema "Brasil terra em transe". Que que era para mim esse "Brasil terra em transe"? Era tudo que eu tinha vivenciado na cidade desde 2013. Começa com as manifestações de rua na cidade, a população se empoderando né e querendo mudanças. Aqui é uma fusão do Círio de Nazaré, da procissão do Círio de Nazaré com as manifestações do Rio de Janeiro. A mesma Catarse que eu vi lá no Pará eu vi aqui no Rio de Janeiro.

GURAN: Essa imagem de baixo que você combinou várias imagens da Assembléia Legislativa é a que eu acho mais impressionante. Esse edifício que são neoclássicos e o povo tomando a rua, as pessoas se abraçando, se confraternizando gritando, são duas imagens...

BALTAR: São três imagens.

GURAN: São três imagens.

BALTAR: Para criar essa ideia da massa né, esse movimento eu vou juntando. Essa que foi na maré é o movimento da máquina entrando, a força militar chegando na comunidade e a outra, outro movimento dela entrando para começar o processo.

GURAN: A demolição e a remoção. Isso parece uma cena da guerra na Síria. Olha só o céu preto, dramático, tudo quebrado, arrebatando, praticamente não tem gente aqui né.

BALTAR: É uma foto que eu fiz na...

GURAN: É uma não, são várias.

BALTAR: São várias

GURAN: Resultou nessa.

BALTAR: Que eu fiz no metrô Mangueira no dia após uma tentativa desocupação violenta

GURAN: Que é uma favela chamada Metrô Mangueira.

BALTAR: Fica próximo ao Estádio do Maracanã, por isso era uma área que não pegava bem ter uma comunidade né e o resultado é esse.

GURAN: A cento e poucos anos atrás, 110, 120 anos, atrás o Malta fotografava isso, o famoso bota-abaiixo era isso né. A remoção de todo mundo que tava no centro da cidade para abrir a Avenida Rio Branco e a remoção foi violenta também. Na região do porto chegou a dar a famosa guerra da vacina com barricadas na rua e tudo mais.

BALTAR: De uma maneira é isso que a gente tá vivendo agora né. Com todo esse processo de remoção, é pra modernizar a cidade, transformar a cidade numa cidade cosmopolita capaz de receber os megaeventos né.

GURAN: Pois então eis aí o paralelismo. Instantes Cruzados, a gente quer cruzar esse instante dos megaeventos com o instante do megaevento no momento em que nós passamos do império para república e a república quis se afirmar pela modernidade e que é o famoso Bota-abaiixo do Malta, inclusive tem um livro interessantíssimo que a gente separou aqui são as fotografias do Malta. Esse foi o corte que foi feito na cidade, a cidade que era orientada para dentro, ela passou a ser orientada para fora. Então abriram a Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, que vai da parte velha da cidade em direção ao Mar, ou seja, o Rio de Janeiro assumiu seu litoral. Foi nesse momento que a cidade se abriu para o banho de mar que começou nas praias internas da baía e foi dar em Copacabana, Ipanema, Leblon. A gente vê nesse livro aqui no mar de Malta exatamente a passagem da cidade que foi assumindo o seu lado Oceânico. As pessoas mergulhavam na baía com a maior alegria tá vendo. Se você ver sujeito com roupa de banho e ao lado dele o outro completamente vestido de terno chapéu de palhinha Esta é a imagem da transformação você está sendo convidado a dialogar com Malta. Selecionamos essa imagem do Malta, imagem de exatamente cem anos atrás. Ela foi produzida em 1915, próximo à Igreja de Santa Luzia no centro do Rio de Janeiro onde o mar batia. E o que nós queremos é que você mergulhe na obra do Malta, mergulhe naquele contexto social histórico da época e a partir daí você produz uma imagem que dialogue com essa.

[corredor]

BALTAR: Uma responsabilidade muito grande reproduzir o trabalho do Augusto Malta dando uma roupagem contemporânea. Mas vamos lá.

[intervalo]

BALTAR: Vou fotografando aleatoriamente pela janela do ônibus a paisagem por cima, fazendo pequenos instantâneos. Depois eu monto os instantâneos para formar a paisagem. Construo panorâmicas, que são como se fossem crônicas da vida cotidiana, como se fosse um filme que tá passando pela janela do ônibus. Os arquivos, vou captando eles assim, em fragmentos, depois eu vou montando. É um trabalho fotográfico que é feito na pós-produção. Muitas coisas que eu tô fotografando eu não to prestando atenção, to fotografando aleatoriamente. Na hora que eu vou montar, os ângulos não batem, as distâncias, as proporções não batem, e isso enriquece muito o trabalho. Minha intenção era remontar too o meu circuito de casa até o trabalho. Então uma das primeiras tentativas foi montar um antigo armazém abandonado, que hoje é o aquário do Rio, então eu vim vários dias fotografando. Ainda existe a Perimetral, que tem a Perimetral aqui. Eu fui juntando os pedaços para poder montar o prédio. Ai percebi que não é possível montar um prédio realmente passando de ônibus na velocidade com a minha câmera. E aí nessa montagem eu comecei a perceber isso era mais interessante né, esses desencontros, esse estranhamento, essas mudanças escala.

Esse trabalho eu acho de Fluxos, porque é feito no fluxo do trânsito. São todas panorâmicas, são todas paisagens construídas a partir de fragmentos. Aí eu tenho aqui situações que me chamaram atenção na cidade na época das eleições né. Além da habitual textura da cidade você tinha sobreposição do material de campanha. E todo dia eu passava e cada dia tinha placas novas se sobrepondo, uma acima da outra. Essa é uma passarela, passarela 6 da Avenida Brasil, que não tem, não existe mais. Também é um trabalho de memória, como eu pretendia estar registrando as coisas que iam mudando que iam mudar. Às vezes eu me interessa também no interior de um ônibus, os passageiros. A própria montagem, ela foi me mostrando que o real não era tão interessante quanto as possibilidades que montagem de dava. Então eu posso mostrar o passageiro e o que passageiro tá olhando pela janela na mesma imagem. Cinelândia. Foi um cronista da cidade né, só que da cidade mais oficial, uma cidade que era para ser vista né. Mas E eu faço o registro de uma cidade que não é vista, eu quero que essa cidade seja conhecida, que as pessoas sintam interesse e principalmente quem tá no ônibus comece a prestar atenção também na paisagem.

[salão]

BALTAR: Zéca, eu vim te procurar porque você é o novo Malta né, o fotógrafo da prefeitura. O que você vê de semelhança no teu o trabalho atual e o trabalho do Malta?

ZÉCA: Acho que semelhança tá muito nessa documentação que vai servir para alguma coisa, no caso do Malta serviu para depois de fazer todas as interações do prefeito Pereira Passos. No meu caso várias intervenções na época do prefeito Marcello Alencar, que era a ideia da construção, da transformação do centro do Rio de Janeiro no centro histórico, tudo se transformou em museu, houve essa mudança da minha fotografia entrou ai.

BALTAR: Eu trouxe o livro do Malta para gente ver junto, queria saber a sua opinião, seu olhar do Fotógrafo também do Rio de Janeiro de hoje né.

ZECA: Tem a postura na época né. Aquele negócio da proporcionalidade um pouco renascentista né, tudo reto, paralelo, ele tem linhas certinhas né. Tem pontos de fuga sempre normalmente fora da imagem né. Essa distância ao objeto hoje em dia você não consegue mais, a distância entre fotógrafo e objeto era possível.

BALTAR: Por causa da poluição.

ZECA: Da poluição, poluição visual, ou seja, tudo aqui hoje em dia numa situação dessa estaria cheio de fios, de poste.

[museu da imagem e do som]

DAIANE: Essa sequência de saltos ornamentais né anteriores o aterramento então a praia de Santa Luzia tá registrado aqui, ta imortalizada. EE a gente tem não só o mar enquanto diversão mas o início do salto ornamental e os trajés de banho lá enfim olha aqui belíssima essa dama jogando ao mar ou então os meninos dando cambalhota

BALTAR: Esse trabalho de documentação do cotidiano era um trabalho para fazer concurso da prefeitura ou era o interesse dele em registrar esse cotidiano.

DAIANE: O Malta, ele foi o primeiro fotógrafo oficial da cidade né e fez registros que vão para além do que a gente tá expondo aqui a gente tem cerca de 30 mil itens da coleção Augusto Malta. O Malta registrou todo desmonte do Morro do Castelo, toda mudança arquitetônica e urbanística da cidade. Os banhos, o esporte, os aspectos sociais, enfim, cotidiano, ta ai, como cronista visual para gente.

BALTAR: Ele foi além da função dele, oficial, né. Ele pegou aqueles costumes, mudança.

ZECA: Eu morro de curiosidade de saber como que ele conseguiu nessa época congelar esse movimento, Eu acho que a gente nessa época não tinha tecnologia ainda né, como é que ele fez essa mágica?

JOAQUIM: Na verdade já tinha a tecnologia né a partir do advento das chapas de gelatina e prata né. Como essa aqui, essas chapas entram no mercado por volta de 1880. Logo em seguida vamos lembrar nesta mesma década surgiu os primeiros filmes flexíveis, da Kodak número 1. Esses filmes já são mais sensíveis à luz. Na virada do século as objetivas começam a ficar mais luminosas também né, então tudo isso faz com que na virada do século já seja possível fazer uma foto com até 1/250 AVOS.

ZECA: E ele soube explorar bem nessa série né.

JOAQUIM: Isso. E essa série que é da década de 10, observa também que essas fotos já tem o que a gente chama profundidade de campo, né, trabalhada enquanto linguagem. Porque no século XIX em geral tudo tava estava em foco sempre. Aqui a gente vê que as fotos começam a ter já um fundo desfocado, percebe que também destaca mais essa figura do primeiro plano. Essa foto tem uma técnica incrível, ele escolheu, na hora do dia que ele fotografou, a luz possibilitou uma modelagem genial. É uma foto documental muito, muito ótima.

[intervalo]

BALTAR: O centro do Rio de Janeiro começou um lugar com muita história e que nesse processo de modernização da cidade, ela foi se descaracterizando de centro portuário de memória da chegada dos negros aqui no Rio de Janeiro.

Eu acho que você gosta assim que a cidade é viva né ela por mais que os governos às vezes parecem com projeto elitistas, mas a população toma conta sim, é viva e as pessoas se apropriam a cidade. Ela é muito mais do que do que projetos do poder público, ela é o uso que a população faz dela. Eu sei que aqui tem jovens da Providência e do entorno da região portuária que utilizam aqui como espaço de lazer, então vou tentar recriar o mesmo espírito, de uma população se apropriando de um esporte, de um local, que não era, não tinha sido pensado para eles.

Essa foto aqui foi feita pelo Augusto Malta no começo do século 20. Tudo isso aqui agora virou aterro, hoje em dia não tem mais praia aqui.

TAIGO: Ah, consigo dar mortal pra trás não, consigo dar para frente. Assim sempre tentei mas não consigo não.

ZECA: Perfeito, cara. Po, tu pulou igual o cara.
Valeu.

Olha só, olha só. Vem ver essa aqui. Ficou muito bom, cara.
Taigo, João, brigadão, cara. Vocês estão reproduzindo uma foto do Augusto Malta, do início do século XX. Olha só. Como é que foi, como é que vocês aprenderam a pular aqui? Na Providência não tem mar, vocês tem que vir pra cá nadar aqui.

JOÃO: A primeira que eu vim aqui um amigo me chamou. Ai fui conversando com ele, ai me distrai, quando me distrai ele me empurrou, ai já tava lá dentro.

TAIGO: Eu ficava com medo de pular aqui, eu só ficava olhando meus amigos pular, ai eu não pulava não. Ai depois eu fiquei pulando aos poucos ai perdi o medo. Ai eu comecei a ficar pulando o dia todo.

ZECA: Ai passa o dia inteiro?

TAIGO: Chega aqui a uma hora, meio dia, fica até umas quatro, cinco, seis.

ZECA: Até a luz acabar.

TAIGO: Até o sol sair. Antes de abrir aqui, nós ia lá pro outro lado, pra Praça XV, andava bastante, ai depois quando abriu aqui, nós começamos a pular aqui.

[casa Guran]

GURAN: Então Baltar, você teve o Grande Desafio de trazer o Malta para 100 anos depois, como é que foi isso?

ZECA: Tá aqui, vamos ver o que você acha.

GURAN: Vamos ver. Uma coisa que eu gostei porque você saiu da praia Adão Manoel, ali na rua Santa Luzia, que hoje é Maison de France, e foi para o século 21 da cidade que é o museu do amanhã isso aí é uma coisa legal é uma praia que o pessoal ali do centro da cidade e recuperou

ZECA: Esse jovens são da Providência.

GURAN: É. Claro.

ZECA: Eu tentei buscar a periferia, a periferia para dentro da cidade.

GURAN: A periferia social.

ZECA: Social.

GURAN: Porque essa periferia ta bem no centro ali.

ZECA: Território popular.

GURAN: Acho que você mandou bem, acho que tem tudo a ver com a foto do Malta, não tenho aí então, vamos ver. Tem tudo a ver com a foto de Malta. Você atualizou e transpôs né guardou alguma coisa, quer dizer, continua sendo um salto. Uma outra coisa que eu achei legal que você manteve esse formato oval né, remetendo a foto primeira, muito bom. Você vê que aqui a gente tem todo na textura do céu, lá a gente não tem provavelmente por causa do tipo de filme e de emulsão que ele usou. Também aqui a gente perdeu um pouco da textura do mar aqui a gente não perde nada você tem até a Igreja da Glória ali no fim né, muito bom.

ZECA: Na hora de fazer as fotos já imaginei Como Eu Queria conferir essa montagem eu capturei o museu da manhã numa outra posição porque da posição que está aqui ele não apareceria então é uma foto um pouco besta né desbloqueio Museu da posição dele tava colocando a posição que eu queria que ele aparecesse na foto.

GURAN: São 11. 11 personagens que estão aqui mas na verdade são dois.

ZECA: São dois, é isso. Na verdade eu fotografei vários saltos deles, mas eu acho que aqui deve ter uns 2 saltos, eu repeti a-

GURAN: Sim, porque você foi pegando a sequência, você sequenciou na própria captura.

ZECA: Sim. Eu queria dar essa ideia do movimento e do tempo.

GURAN: Ela é 100% digital, essa foto, quer dizer, você utilizou todos os recursos que a imagem digital permite. Mudou o Museu de lugar, captou em vários momentos do mesmo salto, como todos. Você partiu de uma foto praticamente do século XIX porque isso é logo no comecinho do século XX, né, E aí você chegou ao século XXI no Museu do amanhã com os meninos da Providência, quer dizer, no século XXI nós Ainda temos essas falas e o espírito da cidade ainda é mantido também por esse pessoal da periferia da cultura popular. Muito obrigado, estamos muito felizes com o resultado.

ZECA: Eu é que agradeço, eu fiquei muito feliz com poder participar.

GURAN: Instantes Cruzados continua com seu desafio fotográfico. Até o próximo programa.